

3DADES1 - OK

CADERNOS DO II.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

Nº 3 JULHO 1990

- Você tem que se aprontar, Fanny - disse a Sra. Goodall.

- Não vou esta noite - disse Fanny bruscamente. E a família parou de repente. - Vou ficar com você esta noite, mãe - acrescentou.

- Seria melhor, minha menina - disse a Sra. Goodall, lisonjeada e confiante.

GEHRING, Sônia

A TEXTUALIDADE E A TEORIA DA TRADUÇÃO

-----  
Mestre em Lingüística

Prof. Adjunto do Departamento de Linguas Modernas (IL-UFRGS)

Nestes últimos anos muito se tem escrito e discutido a respeito de Linguística Textual e Teoria do Discurso, porém pouco se procurou aplicar, de fato, suas descobertas, a nível da prática.

A hipótese de trabalho da Linguística Textual consiste em tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem. Têm-se, assim, além de análise transfrástica e gramática de texto, outras denominações tais como Textologia, Teoria de Texto, Análise do Discurso, Textualidade.

Não podemos e nem queremos discutir aqui os ricos conteúdos teóricos de todas essas concepções textuais, assim como não pretendemos também definir ou debater o que vem a ser, propriamente dito, uma teoria da tradução. O que nos interessa também não é evidenciar o aspecto interdisciplinar da Linguística Textual e suas implicações, mas sim, mostrar a aplicabilidade de uma Linguística Textual para o aperfeiçoamento de uma teoria da tradução que encare a língua como expressão, representação e apelo do conhecimento do mundo no mundo textual.

Uma ciência do texto que estuda a atualização da linguagem através de textos na interação comunicativa, pode contribuir para a ciência da tradução. Pois, traduzir é, sobretudo, atualizar textos da língua de partida para a língua de chegada. A concentração da lingüística tradicional em sistemas virtuais e abstratos - intrínsecos da língua e quase que somente a nível da competência, impediu sobre maneira o desenvolvimento de uma teoria da tradução, porque esta, por querer servir à aplicação concreta, necessita de uma teoria do desempenho, ou seja, do ato tradutório. Parece ser evidente que uma teoria da preferência para todos os tipos de operações da linguagem funcionaria melhor: Haveria preferências para a reprodução de "mundos textuais" (textual worlds) em textos de superfície (surface text), para a realização/atualização de intenções e para os "planos" através de "ações do discurso", para a relação recíproca entre textos e situações, etc.

Como sabemos, o procedimento de tradução foi objeto de uma longa discussão sobre a tradução "literal" e a tradução "livre". Esta discussão está fundamentada na concepção errada de que possa haver uma equivalência de elementos lingüísticos independentemente de seu contexto de ocorrência, e, de que tal equivalência seria decisiva, de qualquer modo, para o emprego real da linguagem. O tradutor "literal" decompõe o texto da língua de partida em elementos isolados (ou em pequenos grupos de elementos) e substitui todo elemento por um elemento correspondente (ou

por um grupo correspondente de elementos) na língua de chegada. O tradutor "livre", por outro lado, avalia a função de texto como um todo no discurso e procura elementos que possam cumprir ou desempenhar esta função na situação da língua de chegada. O êxito/sucesso ou fracasso/insucesso de ambos os princípios é, pelo menos, inseguro: pois uma tradução demasiadamente "literal", além de poder ser incompreensível, fica muito desajeitada e artificial - uma tradução muito "livre" pode levar a uma decomposição ou até mesmo a um desaparecimento total do texto original.

A equivalência de uma tradução com o original só pode ser uma equivalência na experiência do participante da comunicação. Uma das principais fontes da não-equivalência está na pessoa do tradutor, quando este introduz suas próprias experiências no texto, encurtando ou restringindo assim a experiência do receptor. Para poder agir contra esta perigosa tendência, o tradutor deveria procurar transmitir o mesmo tipo de experiência com o mesmo tipo de material lingüístico e, só ampliar, encurtar ou modificar os componentes do texto quando isso for necessário, para assim possibilitar uma igualdade ampla e real a nível de experiência. É secundário se os elementos do texto na língua de chegada possuem ou não a mesma posição nos seus sistemas virtuais como nos da língua de partida, pois tal preocupação leva, frequentemente à dificuldades insólveis e desnecessárias.

, O tradutor também precisa saber e conhecer que crité

rios fazem, na realidade, com que um texto dado seja realmente texto. Se aplicarmos aqueles sete critérios de textualidade desenvolvidos por Beaugrande e Dressler (1981), haveremos de constatar que o tradutor, impreterivelmente, não pode deixar de considerá-los a nível teórico e de aplicá-los na prática do ato tradutório, porque é precisamente por meio destes que ele compreenderá os processos e as operações de atualização da linguagem em forma de textos - seu principal e único objeto de trabalho. São eles, pois, coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade.

No ato tradutório, o tradutor, se pretende efetuar uma boa tradução, precisa, portanto, conhecer e considerar estes critérios a nível de desempenho do texto traduzido para poder captar todas as nuances do texto de partida e transpô-los para o texto de chegada.

É extremamente útil ao tradutor saber como que o sentido conceitual está relacionado às expressões da língua e como esses sentidos podem ser resumidos e transformados através de estruturas maiores em um "Mundo Textual", visto que a construção de mundos textuais (criar textos) é uma ação de rotina na comunicação humana.

Beaugrande/Dressler, para estudar as hipóteses sobre o acesso e a ativação de elementos cognitivos num modelo de ação linguística dentro da configuração dos conceitos e de suas relações-de-valores, pleiteiam uma "Semântica

procedural, e o novo estudo do significado conforme este princípio. A comunicação humana (que é texto) exige, além do conhecimento declarativo (afirmações sobre fatos e convicções) também o conhecimento procedural (fatos ou convicções de uma maneira apropriada para determinados usos e certos tipos de operação). Ora, é exatamente da elaboração de uma teoria semântica, a nível do desempenho, que a ciência da tradução sempre careceu. O significado como qualidade ou traço marcante da língua, no texto, é para os autores apenas um caso especial de aquisição, armazenamento e emprego do conhecimento em todos os tipos da ação humana. Visto que o uso da língua é altamente diferenciado e regulado por convenções sociais, é possível estudar o acesso semântico no processo declarativo-procedural da interação comunicativa a nível global. Pesquisas de campo mostraram aos autores que, quando se emprega expressões linguísticas comunicativamente, ativamos as respectivas relações e conceitos, i.é o conhecimento básico usado na elaboração do texto, em forma de "modelos globais". Uma das características destes modelos globais é chamada pelos autores de "spreading activation"; quando uma unidade do conhecimento é ativada, as demais unidades interligadas no armazenamento são igualmente ativadas. Os conhecimentos determinante e típico são importantes nesta difusão da atividade (spreading activation). Não podemos tratar aqui todos os aspectos da semântica procedural elaborados pelos autores como os princípios básicos da coe-

rência. O tradutor, porém, se quiser ser eficiente no seu ofício, precisa perceber e conhecer as leis gerais que fazem com que um texto seja coerente.

Uma estrutura lingüística precisa ser entendida e aceita para que possa ser usada na interação comunicativa. Essas atitudes condicionam uma certa tolerância perante os desvios/distúrbios de coesão e de coerência, na medida em que houver conveniência e objetividade na comunicação. Produzir textos e compreender textos implica em "ações do discurso" que servem a um "plano". A intenção comunicativa do produtor de texto é estudada através desses planos de ação.

A comunicação serve a uma infinidade de fins e a todas as circunstâncias e condições, mas, não obstante, ela emprega meios assombrosamente econômicos e, no processo de comunicação, aparecem surpreendentemente poucos distúrbios e poucos mal-entendidos. De um lado, não podemos, como tradutores procurar definir a função dos elementos lingüísticos em todos os contextos imagináveis; do outro, porém, não podemos supor ou aceitar que todo o contexto seja tão singular e sem par, de tal modo que não fosse possível filtrar e classificar suas regularidades sistemáticas. A tarefa central de uma ciência do texto é encontrar regularidades pelas quais as funções convencionais no uso concreto sejam confirmadas ou sejam modificadas. A partir daqui teríamos critérios para a elaboração de uma teoria da tradução que considerasse o sentido e o conhecimento a nível

da "performance". O próprio conceito de textualidade exige a investigação da influência da intertextualidade como um controle metodológico das atividades comunicativas em seu todo. É isso que o tradutor, em termos teóricos e práticos deve conhecer.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BEAUGRANDE, R. de . \* Text discourse, and process. Toward a multidisciplinary Science of Texts. London, Longman , 1980.
- 2 BEAUGRANDE, Robert de. Introduction to Text Linguistics. New York, Longman, 1981.
- 3 BEAUGRANDE, R. de and W. Dressler. Introduction to text Linguistics. London, Longman, 1981.
- 4 HALLIDAY, M.A.R. & HASAN, R. - Cohesion in English. London , Longman, 1976.